

REFERENCIAÇÃO E ARGUMENTAÇÃO EM “NEGRO”, ESQUETE DO PORTA DOS FUNDOS

ANDERSON NASCIMENTO*

Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPLG), São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em: 18 fev. 2020. Aprovado em: 27 abr. 2020.

Como citar este artigo: NASCIMENTO, A. Referenciação e argumentação em “Negro”, esquete do Porta dos Fundos. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 20, n. 1, p. 18-31, jan./abr. 2020. doi: 10.5935/cadernosletras.v20n1p18-31

Resumo

Este trabalho tem o objetivo de analisar o fenômeno referencial no esquete “Negro”, do Porta dos Fundos, e tem a sua justificativa destacada pelo fato de o esquete ser um tipo de produção verbo-visual pouco explorado quanto ao processo referencial e de como esse processo contribui para um dado ponto de vista. O trabalho encontra-se fundamentado teoricamente na linguística textual e estabelece um diálogo com estudos da argumentação na perspectiva de Amossy (2018). O resultado indica que no esquete analisado as recategorizações promo-

* E-mail: anderson492@hotmail.com
 <https://orcid.org/0000-0002-8482-2284>

vidas pela retomada de referentes no curso da interação servem para sinalizar uma visão de mundo preconceituosa.

Palavras-chave

Referenciação. Argumentação. Gênero textual esquete.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Partindo dos pressupostos de que 1. o uso da linguagem ocorre sempre de forma situada e envolve sujeitos, objetivos e intenções; 2. todo enunciado, mesmo de forma implícita, possui uma *dimensão argumentativa*, ou seja, orienta para uma forma de olhar o mundo, segundo Amossy (2018); 3. a produção do gênero esquete demanda o uso das linguagens verbal, imagética e sonora, devendo, assim, essas linguagens serem conjuntamente consideradas na constituição do processo referencial e, conseqüentemente, da dimensão argumentativa do esquete, este trabalho se desenvolve em torno da seguinte questão:

- Como o processo referencial contribui para a constituição de um ponto de vista na produção verbo-audiovisual esquete?

Para responder à questão, foi selecionado o esquete “Negro” produzido pelo coletivo de humor Porta dos Fundos, veiculado em seu canal, na plataforma YouTube.

Este trabalho tem a sua relevância marcada pela contribuição teórico-analítica que pode trazer para os estudos da referenciação, como concebidos na linguística textual (LT) em interface com os estudos da argumentação, conforme proposta da análise argumentativa do discurso (AAD). Essa articulação é pensada para a análise do gênero verbo-audiovisual esquete, ainda pouco investigado pelos estudiosos do texto.

Além desta introdução, o artigo está organizado em duas partes: uma primeira parte teórica sobre referenciação e argumentação, e uma segunda parte em que é feita a análise do esquete, tendo-se em vista a fundamentação teórica construída e o objetivo definido.

REFERENCIAÇÃO

De início, cabe salientar que o processo de referenciação na LT não é entendido como uma correspondência entre as palavras e as coisas, mas, sim, como práticas simbólicas. Na compreensão de Mondada e Dubois (2003, p. 20):

Estas práticas não são imputáveis a um sujeito cognitivo abstrato, racional, intencional e ideal, solitário face ao mundo, mas a uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo.

Desse modo, ao selecionar dada palavra ou categoria, o sujeito falante não o faz tendo em vista se adequar a um mundo anterior dado *a priori*, nem a um locutor ideal, pois, segundo Mondada e Dubois (2003, p. 34):

O processo de produção das sequências de descritores em tempo real ajusta constantemente as seleções lexicais a um mundo contínuo, que não preexiste como tal, mas cujos objetos emergem enquanto entidades discretas ao longo do tempo de enunciação em que fazem a referência. O ato de enunciação representa o contexto e as versões intersubjetivas do mundo adequadas a este contexto.

Sendo assim, a atividade cognitiva individual é uma atividade constante de categorização e não uma simples identificação e reconhecimento de objetos preexistentes. Ou seja, os objetos não são dados segundo as “propriedades intrínsecas do mundo”, mas construídos por meio dos processos cognitivos dos sujeitos aplicados ao mundo concebido como um fluxo contínuo de estímulos.

Essa noção de referenciação implica entender o processo de textualização ou discursivização do mundo pela linguagem em um processo de construção, estruturação e fundamentação do real, ou seja, a língua não é um simples meio de transmissão de informação, conforme explicam Marcuschi e Koch (2006).

Além da categorização, há o processo de recategorização referencial, que diz respeito às modificações que os objetos do discurso podem sofrer no curso mesmo do discurso, considerando que, no decorrer do processo textual-discursivo, a um dado referente podem ser atribuídas outras características. Sobre isso, Marcuschi e Koch (2006) esclarecem que a recategorização

é fundada em uma remissão a aspectos co(n)textuais antecedentes, seja em um item lexical, numa ideia ou num contexto que opera como espaço informacional (cognitivo).

A respeito de suas classificações, há dois tipos de anáfora: a direta e a indireta. A anáfora direta acontece quando expressões retomam referentes previamente introduzidos, de modo a estabelecer relação de correferência entre o elemento anafórico e seu antecedente.

Esse processo direto, segundo Marcuschi (2003), é um processo de reativação de referentes em uma visão clássica. O autor chama a atenção para o fato de que essa visão de anáfora não leva em consideração a complexidade do fenômeno, pois nem sempre há congruência morfossintática entre a anáfora e seu antecedente; nem toda anáfora recebe uma interpretação no contexto de uma atividade de simples atribuição de referente. Afinal, anáfora é um fenômeno de semântica textual de natureza inferencial e não um simples processo de *clonagem referencial*.

Ao tratar da anáfora indireta, Marcuschi (2003) explica que o fenômeno comporta os seguintes pressupostos: 1. deve-se ter em conta que se está lidando com um alargamento considerável da noção de anáfora direta; 2. deve-se admitir um processo de *referenciação não extencionalista*; 3. trata-se de considerar que os processos cognitivos e as estratégias inferenciais são decisivos na atividade de textualização, provocando o que se poderia chamar de *universo referencial emergente*.

Quanto à concepção de anáfora indireta, o autor o faz da seguinte forma:

No caso da Anáfora Indireta trata-se de expressões definidas [e expressões indefinidas e pronominais] que se acham na dependência interpretativa em relação a determinadas expressões [ou informações constantes] da estrutura textual precedente [ou subsequente] e que têm duas funções referenciais textuais: a introdução de novos referentes (até aí não nomeados explicitamente) e a continuação da relação referencial global (MARCUSCHI, 2003, p. 59).

Por sua vez, Koch (2002, 2004) explica que as formas ou expressões nominais são recursos dos mais eficientes para a construção e reconstrução de objetos de discurso. Fato bastante comum, em se tratando de remissão textual, é o uso de uma forma nominal para categorizar ou recategorizar segmentos do contexto, resumindo-os e encapsulando-os (CONTE, 1996), por meio da atribuição de um *rótulo* (FRANCIS, 1994).

Considerando a natureza textual-discursiva da referenciação, um aspecto do fenômeno que será destacado neste trabalho diz respeito às expressões “que, no texto, se reportam a outras expressões, enunciados, conteúdos ou contextos textuais (retomando-os ou não), contribuindo assim para a continuidade tópica e referencial” (MARCUSCHI, 2003, p. 55).

Tendo em vista que o objetivo deste trabalho é analisar o processo referencial na constituição da dimensão argumentativa no esquete, cabe salientar que, para Koch (2005), o emprego de expressões nominais anafóricas opera a recategorização dos objetos do discurso que ao longo do texto vão atendendo aos propósitos comunicativos do falante/ouvinte, construindo um ponto de vista.

ARGUMENTAÇÃO

A Teoria da Argumentação do Discurso diz respeito a uma abordagem que entende a argumentação como constitutiva do discurso, segundo Amossy (2018). A teórica retoma dois princípios difundidos nas ciências da linguagem: o princípio dialógico bakhtiniano, segundo o qual todo enunciado responde a um já dito, como forma de confirmação, refutação ou modificação; e o princípio enunciativo de Benveniste, segundo o qual todo enunciado é uma tentativa de influência sobre o outro.

Como aspecto constitutivo do discurso, a argumentação está presente em todos os enunciados, pois, segundo a autora, todo discurso busca ao menos orientar os modos de ver e de pensar dos interlocutores. Dessa forma, há dois tipos de discurso argumentativo: 1. um que é discursivamente constitutivo, por abarcar um ponto de vista,¹ chamado de *dimensão argumentativa*; 2. outro que é expressa e reconhecidamente persuasivo, chamado de *visada argumentativa*.

Na proposta teórica de Amossy (2018), a argumentação se dá em uma situação discursiva em que determinados conhecimentos circundam a situação sócio-histórica da enunciação. Essas evidências compartilhadas são chamadas

1 Macedo e Cavalcante (2019) concebem a expressão “ponto de vista” como um modo particular de ver as coisas, que é inerente a todo e qualquer dizer; ao passo que “tese”/“opinião” diz respeito à opinião estrategicamente defendida por um locutor com vistas à adesão de um auditório.

de *doxa*, e é a partir dessas representações coletivas (*doxas*) que o enunciador age por meio da linguagem, a fim de orientar seus interlocutores.

Para a AAD, a *doxa* atravessa inconscientemente o falante, levando em conta que

[...] o locutor, que se engaja em uma troca para pôr em evidência o seu ponto de vista, está tomado por um espaço dóxico que determina a situação de discurso em que ele argumenta, modelando a sua palavra até o centro de sua intencionalidade e de seu planejamento (AMOSSY, 2018, p. 113).

Um componente da *doxa* fundamental para a argumentação é o estereótipo, que, *grosso modo*, pode ser entendido “como uma representação ou imagem coletiva simplificada e fixa dos seres e das coisas, que herdamos de nossa cultura e que determina nossas atitudes e nossos comportamentos” (AMOSSY, 2018), ou seja, tem relação com o pré-construído e guarda certa relação com o preconceito. Quanto ao modo como é enunciado, o estereótipo raramente é feito de forma que contemple todas as suas características, mesmo aquelas consideradas “obrigatórias”.

Sendo assim, há argumentação em todo discurso, mesmo naqueles que não apresentam deliberadamente argumentos que buscam influenciar o modo de pensar/agir do leitor/ouvinte. Afinal, além dos discursos que têm essa visada, todos os demais apresentam determinado modo de ver o mundo.

Em relação a esse posicionamento, especificamente no campo da LT no Brasil, destaca-se o estudo da argumentação feito por Koch (1984) para quem a argumentatividade é característica fundamental da interação social por meio da língua, afinal, o homem comumente avalia, julga, critica, enfim, forma juízos de valores. E, por meio dos enunciados, tenta influenciar o comportamento alheio e busca também fazer com que o outro pense igual, em determinadas opiniões. Retomando as palavras da autora:

[...] partindo do postulado de que a argumentatividade está inscrita no uso da linguagem, adota-se a posição de que a argumentação constitui atividade estruturante de todo e qualquer discurso, já que a progressão deste se dá, justamente, por meio das articulações argumentativas, de modo que se deve considerar a orientação argumentativa dos enunciados que compõem um texto como fator básico não só de coesão, mas, principalmente, de coerência textual (KOCH, 1984, p. 21).

ANÁLISE

Como já indicado, este trabalho objetiva responder à seguinte questão: como o processo referencial contribui para a constituição de um ponto de vista na produção verbo-audiovisual esquete?

Sobre o gênero esquete, Travaglia (2017), amparado nos estudos bakhtinianos, classifica essa produção como um gênero oral, uma vez que tem a voz humana como suporte. A respeito do conteúdo temático, o autor entende que o esquete resulta da junção de dois tipos de texto: o narrativo de espécie história e o humorístico. Por ser de tipologia humorística, o teórico considera que “o conteúdo temático será sempre uma sátira, uma crítica ou uma denúncia a elementos da vida social em geral” (TRAVAGLIA, 2017, p. 119).

Quanto às condições de produção do gênero esquete, Travaglia (2017) salienta que essa produção pertence a uma esfera de ação discursiva do entretenimento e circula por estações de rádio e televisão, teatros, circos, canais de divulgação de trabalhos na internet, como o YouTube, entre outros, e suas produções são executadas por uma equipe de redatores profissionais.

Para atingir o objetivo deste artigo descrito anteriormente, foi selecionado o esquete intitulado “Negro”, produzido e publicado no canal de YouTube do coletivo de humor Porta dos Fundos. Publicado em agosto de 2014, o vídeo conta com mais de dez milhões de visualizações e mais de duzentas mil curtidas. Na produção referida, um homem vai a uma delegacia prestar queixa de um assalto sofrido. Porém, ao fazê-lo, o policial, a quem o assaltado se dirige, sugere que o assaltante é um sujeito negro, mesmo com a constante afirmação da vítima de que se trata de um homem branco.

A cena inicia-se com um policial atuando no contexto de uma delegacia, falando ao telefone sobre um assunto qualquer, que não é retomado posteriormente. O cenário e o figurino como construídos imageticamente são fundamentais para que seja caracterizada e, assim, identificada a situação comunicativa de prestação de queixa em uma delegacia, situação na qual se destacam dois papéis: um de quem presta queixa, o denunciante, e que no caso é a vítima do assalto; o outro de quem ouve o depoimento e é visto como alguém responsável pela investigação do ocorrido, no caso, o policial.

Após desligar o telefonema, um civil entra na cena dizendo que foi assaltado. É instaurado, assim, no discurso o referente “assalto” de forma ancorada em pistas textuais como “eu fui assaltado” e “acabei de ser assaltado”, passando esse referente a se manter em foco na mente dos interlocutores.

POLICIAL: ((na delegacia, falando ao telefone)) tá certo então, Besouro, depois te ligo então... tô pegado hoje aqui, cara
DENUNCIANTE: ((vítima entra na cena interrompendo o policial)) com licença desculpa... dá licen... amigo... eu fui assaltado aqui agora, acabei de ser assaltado ali... policial? dá licença, se a gente for lá agora, a gen
POLICIAL: {calma... respira... ((a vítima respira fundo)) tá certo? conta aí como foi essa história

Relacionado ao “assalto”, cujo esquema cognitivo pressupõe a figura de um agente que pratica a ação de assaltar, o denunciante introduz no discurso a expressão nominal “um cara”, para fazer referência ao assaltante. Ao ser instaurado, esse referente é retomado no discurso da vítima por meio do pronome “ele” no trecho a seguir e em muitos outros que serão transcritos mais adiante, numa demonstração de que a anaforização pronominal, assim constituída, mantém o referente “assaltante” em foco sem promover a sua transformação por meio de qualificativos ou predicções.

DENUNCIANTE: eu tava andando na rua falando no telefone com a minha namorada... meio distraído... **um cara** correu pegou meu celular, **ele** tava armado

Após o denunciante indicar onde ocorreu o assalto, o policial pede para que ele descreva o assaltante. A descrição a seguir aponta para um processo de recategorização promovido pelos sujeitos envolvidos na interação:

DENUNCIANTE: mais ou menos dessa altura:: ((indica a altura com a mão)) magro é::
POLICIAL: {magro... **negro**?
DENUNCIANTE: não
POLICIAL: {**preto**... **negro**
DENUNCIANTE: oi? ele::
POLICIAL: {**negão**?
DENUNCIANTE: não
POLICIAL: {**negãozão**?
DENUNCIANTE: não
POLICIAL: {**um criolão assim** ((indica altura com a mão))
DENUNCIANTE: não não.. era branco
POLICIAL: então **um neguinho**?
DENUNCIANTE: NÃO
POLICIAL: **pretinho raça ruim**...
DENUNCIANTE: é uma pe...
POLICIAL: **de sinal**
DENUNCIANTE: não... é uma pessoa branca... ele era branco

No trecho transcrito, chamam a atenção as recategorizações do referente “assaltante” por meio de expressões nominais que, de forma destacada, apresentam um núcleo nominal no aumentativo (*negão, negãozão, crioulo*) ou no diminutivo (*neguinho, pretinho*).

Observa-se, nesse quadro de recategorizações construído pelo policial, que o referente “assaltante” se mantém em foco por meio das escolhas lexicais como *preto...negro, negão, negãozão, um crioulo, um neguinho, pretinho raça ruim, de sinal*. Essa seleção aponta para uma orientação ou dimensão argumentativa decorrente de uma situação discursiva em que determinados conhecimentos construídos socialmente são postos em relevo, pois, conforme a posição de Amossy (2018, p. 113),

[...] o locutor, que se engaja em uma troca para pôr em evidência o seu ponto de vista, está tomado por um espaço dóxico que determina a situação de discurso em que ele argumenta, modelando a sua palavra até o centro de sua intencionalidade e de seu planejamento.

Desse momento em diante no esquete, após as negativas do denunciante em relação às suposições do policial, este questiona sobre a presença de outro sujeito no evento, “o preto que tava com ele”, que é destacado no trecho:

POLICIAL: branco?
 DENUNCIANTE: é
 POLICIAL: como era o preto que tava com ele?
 DENUNCIANTE: que preto que tava com ele?
 POLICIAL: não tinha um preto com ele não?
 DENUNCIANTE: NÃO TINHA NENHUM PRETO COM ELE TAVA SÓ BRANCO A PESSOA TAVA SÓ UM BRANCO SOZINHO ASSALTOU ((fala nervoso, gritando))
 POLICIAL: num tinha um preto do outro lado da rua não esperando ele?
 DENUNCIANTE: eu não sei, eu não vi, eu tava... eu tava... falando no telefone

A negação reiterada por parte do denunciante de que havia um outro sujeito negro participando do assalto faz com que o policial mude o foco da pergunta que passa a recair sobre a descendência do assaltante. Ao agir assim, novamente o referente “assaltante” é reintroduzido no discurso pelo policial, que insiste na recategorização, porém, agora, por meio de outras expressões referenciais: “alguma descendência africa::na” e “uma vó preta”, como destacado a seguir:

POLICIAL: {tá certo o senhor sabe me dizer se esse elemento... tinha alguma descendência africa::na
DENUNCIANTE: eu não fui jantar com ele, eu fui assaltado por ele, eu
POLICIAL: {uma vó preta... não? tia-avó
DENUNCIANTE: num sei.. todos nós brasileiros temos descendência

Quando o denunciante diz não saber da “alguma descendência africa::na” do assaltante, o policial pergunta como era o rosto do assaltante, como era o cabelo do assaltante: se era *rastafari*, *dreadlock*, *black power*, *sarará*, *tererê* ou *curto tipo Tiaguinho*,² como se nota no trecho:

POLICIAL: {sim é:: tá bom, como era o rosto do elemento?
DENUNCIANTE: ele tinha um:: um rosto fino.. assim com... uma cicatriz:: eu acho que aqui:: assim mas nada muito característico
POLICIAL: e o cabelo era o que.. *rastafari*... *dreadlock*..
DENUNCIANTE: {não num tinha dread nenhum
POLICIAL: era *black power*... *sarará*?
DENUNCIANTE: não, num era de *sarará*, era cabelo
POLICIAL: {tererê? não?
DENUNCIANTE: não.. era cabelo curto
POLICIAL: tipo *Tiaguinho*?
DENUNCIANTE: CURTO TIPO UMA PESSOA BRANCA DE CABELO CURTO TEM.. TEM O CABELO CURTO ((responde exaltado))

No trecho em observação, registra-se em destaque um processo anafórico indireto de cunho meronímico, uma vez que tem relação de parte (o cabelo) com o todo (a pessoa). Ao serem focalizadas, nesse momento do interrogatório, as expressões adjetivas referentes a cabelo, o policial põe em cena novamente o seu ponto de vista de que o assaltante é negro, o que continua a ser negado pelo denunciante.

Questionado sobre como o assaltante estava vestido, o denunciante diz que o assaltante usava bermuda e camiseta branca. Então, o policial o interrompe para indagar se na camiseta estava escrito “Olodum”.³ O policial, assim, aciona um referente da cultura negra brasileira, o Olodum, para insistir, por

2 Cantor de pagode brasileiro bem-sucedido, negro.

3 O Olodum é um grupo artístico afro-brasileiro fundado em 1979, em Salvador. Tombado pela Organização das Nações Unidas (ONU) como Patrimônio Cultural Imaterial do estado da Bahia, o grupo tornou-se uma das mais importantes expressões da música mundial. Além da música, o grupo promove atividades culturais de caráter sociocomunitário. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?p=54049>. Acesso em: 16 set. 2019.

meio da recategorização insinuada, na intencionalidade de seu projeto de dizer, uma estratégia que corresponde ao propósito da crítica social que é constitutivo do esquete em análise.

POLICIAL: {tá bom, perái... vamo fazer o seguinte.. como é que esse albino... ((usa tom que insinua descrença na fala do outro)) tava vestindo então?
 DENUNCIANTE: ber::mu::da e:: camiseta branca
 POLICIAL: {branca... **camisa estava escrito Olodum?**
 DENUNCIANTE: {desculpa...
 POLICIAL: não?
 DENUNCIANTE: essa pergunta num num faz sentido nenhum

Após mais uma negativa do denunciante de que o assaltante estaria usando a camiseta do Olodum, o policial busca, estrategicamente, na cultura negra brasileira algo que sustente a recategorização que tenta impingir ao assaltante. Dessa vez, recorre aos referentes “rodas de pagode” e “capoeira”, como destacado no trecho a seguir, constituintes culturais marcantes para a comunidade afrodescendente no Brasil.

POLICIAL: {amigo vamo lá... cê sabe me dizer o que o elemento tava fazendo antes de assaltar você... se ele **tava tocando pagode numa roda... tava: jogando capoeira**
 DENUNCIANTE: desculpa, policial Peçanha, eu num eu num:: com todo o respeito:: eu.. o senhor tá pintando **uma caricatura dum cidadão afrodescendente que num tem a menor graça**

Ainda, no trecho a seguir em destaque, observa-se na seleção dos referentes constituídos por nomes próprios *Zulu*, *Jamal* ou *Denzel* a reiterada intenção de recategorizar o assaltante pela cor da pele. Como é de nosso conhecimento compartilhado, sabemos que cada um desses nomes se refere a pessoas famosas que são negras: Paulo Zulu, ator brasileiro; Jamal Malik, personagem principal do premiado filme *Quem quer ser um milionário*; Denzel Washington, ator estadunidense. Sendo assim, esses três referentes têm a sua introdução no discurso justificada por conhecimentos de mundo e pelo propósito do esquete de fazer uma crítica humorada relacionada ao racismo.

POLICIAL: ((bate forte na mesa e fala alterado)) CIDADÃO, o senhor tá me atrapalhando aqui no exercício da minha função... o senhor quer que eu pegue o elemento ou o senhor quer que eu não pegue o elemento?

DENUNCIANTE: sim, senhor, que o senhor pegue o elemento ((fala muito baixo e de cabeça baixa))
POLICIAL: o senhor quer que eu pegue o elemento, o senhor tem que responder e se ater às minhas perguntas... correto?
DENUNCIANTE: correto
POLICIAL: muito bem... se o senhor tivesse que dar **um nome pro elemento seria Zulu... Jamal ou Denzel?**

Também merece destaque no trecho a expressão nominal descritiva “uma caricatura dum cidadão afrodescendente que num tem a menor graça”. Trata-se de uma expressão que encapsula e rotula todas as proposições anteriores do policial e contribui para a marcação de um dado modo de ver e compreender o mundo e as relações estabelecidas entre os sujeitos nesse mundo.

No desfecho do esquete, o denunciante reitera a recategorização de que o assaltante era “uma pessoa branca”, “uma pessoa alva”. Além disso, o denunciante promove uma recategorização do policial ao adjetivá-lo como “preconceituoso”. Em resposta, o policial demonstra aceitar as proposições do denunciante de que se trata de um sujeito branco e dá o caso por encerrado. Antes, porém, faz a seguinte ressalva: “branco? então fica tranquilo que ele vai te devolver esse negócio aí”.

DENUNCIANTE: desculpa.. o de novo está sendo preconceituoso... tô lhe dizendo que era branco
POLICIAL: o senhor tá me dizendo aqui que era branco
DENUNCIANTE: ((volta a se exaltar)) sim, era branco, a pessoa branca, a pessoa alva
POLICIAL: branco? então fica tranquilo que ele vai te devolver esse negócio aí

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no objetivo traçado no trabalho, observaram-se os seguintes aspectos na análise do processo referencial do esquete:

- A instauração de um referente (assalto) que não aparece no texto, mas é facilmente identificado pelas pistas textuais. Esse referente permanece na memória dos sujeitos envolvidos ao longo de todo o percurso interacio-

nal, bem como serve de âncora para a introdução de outros referentes no interior da cena enunciativa.

- O modo como o policial sugere, nas perguntas dirigidas ao denunciante, o perfil do assaltante e contribui, desse modo, para a recategorização do assaltante pela cor da pele é revelador de um ponto de vista, de uma orientação ou dimensão argumentativa que desvela uma visão de mundo e das relações estabelecidas entre os sujeitos nesse mundo eivada de preconceito. Atenta-se, assim, para uma visão estereotipada, considerando a representação simplificada e fixa que herdamos de nossa cultura e que determina nossas atitudes e nossos comportamentos (AMOSSY, 2018).
- O modo como foi constituído o quadro referencial com especial atenção ao processo de retomada e recategorização do referente “assaltante” pela cor da pele, estratégia que se dá pela recorrente insinuação do policial e recorrente negação do denunciante, aponta para a conclusão de que essa interação policial-denunciante, motivada pelo acontecimento assalto, tem a intenção de fazer a crítica social e promover a reflexão, recorrendo-se para tanto ao traço do humor característico do gênero esquete.

Reference and argumentation in “Negro”, a sketch by Porta dos Fundos

Abstract

This work aims to analyze the reference phenomenon in Porta dos Fundos’s sketch “Negro,” which is a type of verb-visual reproduction that is poorly explored as a referential process, and that contributes to a given point of view. This article’s theory is mostly Textual Linguistics, and we aim to establish a dialogue with argumentation studies from the perspective of Amossy (2018). The result indicates that, in the sketch analyzed, the recategorizations promoted by the resumption of referents during the interaction signals a narrow world-view.

Keywords

Reference. Argumentation. Sketch.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. *A argumentação no discurso*. São Paulo: Contexto, 2018.
- CONTE, M. Anaphoric Encapsulation. *Belgian Journal of linguistics*, v. 10, p. 1-10, 1996.
- FRANCIS, G. Labelling discourse: an aspect of nominal-group lexical cohesion. In: COULTHARD, M. (ed.). *Advances in written text analysis*. London, New York: Routledge, 1994. p. 83-101.
- KOCH, I. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.
- KOCH, I. *Desvendando os segredos do texto*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- KOCH, I. *A coesão textual*. 19. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- KOCH, I. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (org.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 33-52.
- MACEDO, P. S. A.; CAVALCANTE, M. M. Estratégias de textualização na polêmica sobre culturas agrícolas no Brasil. *Entrepalavras*, v. 9, n. 1, p. 303-320, jan./abr. 2019.
- MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 53-102.
- MARCUSCHI, L. A.; KOCH, I. V. Referenciação. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. V. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora Unicamp, 2006. p. 381-399.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.
- TRAVAGLIA, L. C. Esquete: caracterização de um gênero oral e sua possível correlação com outros gêneros. *Revista Olhares & Trilhas*, v. 19, n. 2, jul./dez. 2017.